

## Apresentação

HAI DI JARSCHEL

Esta *Mandrágora* surge de um processo que se poderia chamar “vasculhando o baú”. Entre o movimento de mulheres há muito material riquíssimo que se encontra guardado entre as tantas lembranças do passado-presente nos baús, cheios de textos, anotações, projetos, cartas, objetos de estimação etc. Aqui trazemos o material de dois seminários realizados em 1992 e 1993 (faz tanto tempo...), entre mulheres que trabalham com teorias feministas e mulheres que trabalham em espaços religiosos e com teorias na área da teologia e ciências da religião. É material antigo e novo porque o eixo das reflexões são de um passado-presente. São falas de muitas mulheres sobre as mulheres deste continente, que se encontraram no I e II Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos.

Temos aí quase todas as exposições das mesas destes dois seminários, que se transformaram em três unidades temáticas e uma unidade de espiritualidade. A primeira unidade traz como conteúdo básico a discussão sociológica sobre “Direitos Reprodutivos e Cidadania”. As autoras, além de esclarecer sobre os conceitos “direitos reprodutivos” e “cidadania”, colocam em questão a necessidade de incluir na Declaração do Direitos Humanos os direitos das mulheres. Afinal, por detrás da elaboração de leis para os seres humanos temos um enfoque filosófico de gênero que se quer considerar neutro pela maioria dos legistas! Os seres humanos, mulher e homem, vivem sua existência corporificados. O corpo e a sexualidade da mulher estão legislados por princípios androcêntricos.

Na segunda unidade, “Práticas reprodutivas de mulheres e igreja: uma história de controvérsias”, temos uma abordagem da prática reprodutiva das mulheres e os respectivos discursos - que em grande parte são contrários aos discursos normativos da Igreja Católica- na região da Zona Leste da Grande São Paulo. É uma análise reveladora, baseada numa pesquisa entre mulheres organizadas em comunidades de base e movimentos autônomos de mulheres; mostra a ambiguidade e autonomia das mulheres em relação as suas decisões cotidianas relativas a sua sexualidade e a elaboração dos respectivos discursos para justificar suas posturas. No outro texto, é apresentada uma trajetória histórica cheia de controvérsias sobre a posição da Igreja Católica em relação ao aborto; fica evidente que a questão do aborto sempre foi tema “quente” para a igreja, cortado por uma linha de pensamento fragmentado e conflituoso. A postura da instituição eclesial é marcada por pensamentos de homens e celibatários, tratando o assunto *para* a mulher sem considerá-la um sujeito social capaz de refletir e decidir sobre sua reprodução e sua sexualidade.

“Ética feminista, desejo e culpa” é o eixo da terceira unidade, repleta de reflexões inovadoras e contextualizadas. São quatro artigos de autoras feministas, que partem da realidade da mulher afro-latino-americana, como sujeito ético principal na elaboração de uma ética que responda à vida concreta destas mulheres. Assim como a vida das mulheres está demarcada pela contradição da ideologia patriarcal e o impulso latente de viver plenamente, também uma ética contextual terá como característica a contradição. A pluralidade e especificidades da vida das mulheres e homens é o chão a partir do qual se tecem os nós dos “princípios” do que é vida abundante e plena a que tem direito todos os seres humanos. Os artigos mostram também como se confunde moral eclesial com princípios éticos mais abrangentes; as igrejas se reservam o direito de dizer a todos uniformemente o que é correto para a vida, sem levarem em conta as variações de gênero, cultura, etnia e classe social. O divino e o ser humano são assim, pressupostos estáticos e masculinos; portanto, uma epistemologia que não leva em conta a realidade concreta de milhares de mulheres que carregam historicamente a culpa de trazerem o pecado ao mundo através do seu corpo. Os quatro artigos desconstróem estes pressupostos teológicos e antropológicos.

Como parte final, “a espiritualidade”, *Mandrágora* oferece um ritual muito especial que tem como objetivo o encontro das mulheres com outra linguagem sobre si mesma, sua experiência corporal, sua experiência com o sagrado. Rituais e poesia nos ajudam a tocar outras partes de nós.

É assim. Ousamos experimentar outras palavras sobre nós mesmas. Que bom que podemos trocar isto com todas vocês leitoras e leitores!